

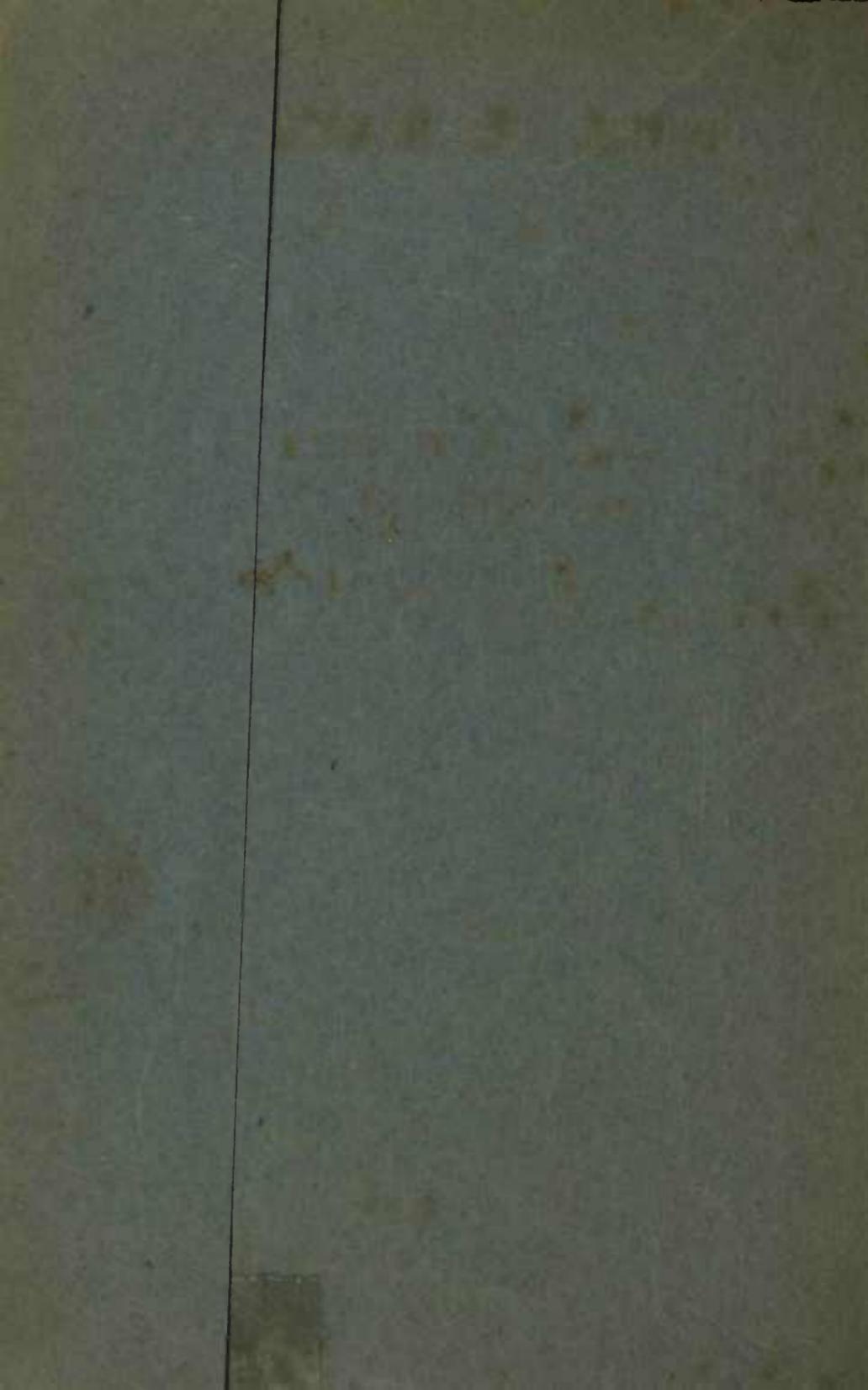
VINICIUS DE MORAES

---

**O CAMINHO  
PARA A DISTANCIA**

**SCHMIDT**

— 1933 —



70

2,0  
10  
1



AO NEVO

- poeta -

este livro de adolescência,  
batido de sol, velho, caros  
fiuço eo coração,

O CAMINHO PARA A DISTÂNCIA

o biniçius

Nov. 1937.



VINICIUS DE MORAES

---

**O CAMINHO  
PARA A DISTANCIA**

**SCHMIDT 4137**

— 1933 —

*Biblioteca  
de  
Alfredo Mesquita*

869.915  
M792c

Este livro é o meu primeiro livro. Desnecessario dizer aqui o que ele significa para mim como coisa minha — creio mesmo que um prefacio não o comportaria normalmente.

São cerca de quarenta poemas intimamente ligados num só movimento, vivendo e pulsando juntos, isolando-se no ritmo e prolongando-se na continuidade, sem que nada possa contar em separado. Ha um todo comum indivisivel.

Seus defeitos de idéa são os meus defeitos de formação. Seus defeitos de construção são os meus defeitos de realizador. Eu o dou tal como o fiz, com todos os arranhões que lhe notei na fixação inicial, virgem de remodelações, na mesma seiva em que sempre viveu.

Ofereço-o aos meus amigos.

Rio - 1933.





— místico —

O ar está cheio de murmúrios misteriosos

E na nevoa clara das coisas ha um vago sentido de

[espiritualização...

Tudo está cheio de ruidos sonolentos

Que veem do ceu, que veem do chão

E que esmagam o infinito do meu desespero.

Atravez o tenuissimo de nevoa que ao ceu cobre  
Eu sinto a luz desesperadamente  
Bater no fosco da bruma que a suspende.  
As grandes nuvens brancas e paradas —  
Suspensas e paradas  
Como aves solicitas de luz —  
Ritimam interiormente o movimento da luz —  
Dão ao lago do ceu  
A beleza placida dos grandes blocos de gelo.  
  
No olhar aberto que eu ponho nas coisas do alto  
Ha todo um amor á divindade.  
No coração aberto que eu tenho para as coisas do alto  
Ha todo um amor ao mundo.  
No espirito que eu tenho embebido das coisas do alto  
Ha toda uma compreensão.

Almas que povoais o caminho de luz,  
Que, longas, passeais nas noites lindas

Que andais suspensas a caminhar no sentido da luz,  
O que buscais, almas irmãs da minha?  
Porque vos arrastais dentro a noite murmurosa  
Com os vossos braços longos em atitude de extasis?  
Vêdes alguma coisa  
Que esta luz que me ofusca esconde á minha visão?  
Sentis alguma coisa  
Que eu não sinta talvez?  
Porque as vossas mãos de nuvem e nevoa  
Se espalmam na suprema adoração?  
E' o castigo talvez?

Eu já de ha muito tempo vos espio  
Na vossa extranha caminhada.  
Como eu quizera estar entre o vosso cortejo  
Para viver entre vós a minha vida humana...  
Talvez, unido a vós, solto por entre vós  
Eu pudesse quebrar os grilhões que vos prendem...

Sou bem melhor que vós, almas acorrentadas  
Porque eu tambem estou acorrentado  
E nem vos passa, talvez, a idéa do auxilio.  
Eu estou acorrentado á noite murmurosa  
E não me libertais...

Sou bem melhor que vós, almas cheias de humildade.  
Solta ao mundo, a minha alma jamais irá viver convoseo.

Eu sei que ela já tem o seu lugar  
Bem junto ao trono da divindade  
Para a verdadeira adoração.

Tem o lugar dos escolhidos  
Dos que sofreram, dos que viveram e dos que com-  
[preenderam.

— o terceiro filho —

Em busca dos irmãos que tinham ido,  
Eu parti com pouco ouro e muita benção  
Sob o olhar dos pais aflitos.

Eu encontrei os meus irmãos  
Que a ira do Senhor transformou em pedra,

Mas ainda não encontrei o velho mendigo  
Que ficava na encruzilhada do bom e do mau caminho  
E que se parecia com Jesus de Nazaré...

— o unico caminho —

No tempo em que o Espirito habitava a terra  
E em que os homens sentiam na carne a beleza da arte  
Eu ainda não tinha aparecido.  
Naquele tempo as pombas brincavam com as crianças  
E os homens morriam na guerra cobertos de sangue.

Naquele tempo as mulheres davam de dia o trabalho da  
[palha e da lã  
E davam de noite, ao homem cansado, a volupia amorosa  
[do corpo.

Eu ainda não tinha aparecido.

No tempo que vinha mudando os seres e as coisas  
Chegavam também os primeiros gritos da vinda do ho-  
[mem novo  
Que vinha trazer á carne um novo sentido de prazer  
E vinha expulsar o Espirito dos seres e das coisas.

Eu já tinha aparecido.

No cáos, no horror, no parado, eu vi o caminho que nin-  
[guem via  
O caminho que só o homem de Deus presente na treva.  
Eu quiz fugir da perdição dos outros caminhos  
Mas eu caí.  
Eu não tinha como o homem de outrora a força da luta  
Eu não matei quando devia matar

Eu cedi ao prazer e á luxuria da carne do mundo.  
Eu vi que o caminho se ia afastando da minha vista  
Se ia sumindo, ficando indeciso, desaparecendo  
Eu quiz andar para a frente  
Mas o corpo cansado tombou ao beijo da ultima mulher  
[que ficára.]

Mas não.

Eu sei que a Verdade ainda habita minha alma  
E a alma que é da Verdade é como a raiz que é da terra.  
O caminho fugiu dos olhos do meu corpo  
Mas não desapareceu dos olhos do meu espirito  
Meu espirito sabe...  
Ele sabe que longe da carne e do amor do mundo  
Fica a longa vereda dos destinados do profeta.  
Eu tenho esperanças Senhor.

Na verdade o que subsiste é o forte que luta  
O fraco que foge é a lama que corre do monte para o  
[vale.

A aguia dos precipicios não é do beiral das casas  
Ela vôa na tempestade e repousa na bonança .

Eu tenho esperanças, Senhor.

Tenho esperanças no meu espirito extraordinario

E tenho esperanças na minha alma extraordinaria.

O filho dos homens antigos

Cujo cadaver não era possuido da terra

Ha de um dia ver o caminho de luz que existe na treva

E então, Senhor

Ele ha de caminhar de braços abertos, de olhos abertos

Para o profeta que a sua alma ama mas que seu espirito

[ainda não possuiu.

— introspecção —

Nuvens lentas passavam

Quando eu olhei o ceu.

Eu senti na minha alma a dor do ceu

Que nunca poderá ser sempre calmo.

Quando eu olhei a arvore perdida  
Não vi ninhos nem passaros.  
Eu senti na minha alma a dor da arvore  
Esgalhada e sosinha  
Sem passaros que cantem nos seus ninhos.

Quando eu olhei minha alma  
Vi a treva.  
Eu senti no ceu e na arvore perdida  
A dor da treva que vive na minha alma.

— inatingível —

O que sou eu, gritei um dia para o infinito  
E o meu grito subiu, subiu sempre  
Até se diluir na distancia.  
Um passaro no alto planou vôo  
E mergulhou no espaço.

Eu segui porque tinha que seguir  
Com as mãos na boca, em concha  
Gritando para o infinito a minha duvida.

Mas a noite espiava a minha duvida  
E eu me deitei á beira do caminho  
Vendo o vulto dos outros que passavam  
Na esperança da aurora...  
Eu continuo á beira do caminho  
Vendo a luz do infinito  
Que responde ao peregrino a imensa duvida.

Eu estou moribundo á beira do caminho:  
O dia já passou milhões de vezes  
E se aproxima a noite do desfecho.  
Eu morrerei gritando a minha ansia  
Clamando a crueldade do infinito

E os passaros cantarão quando o dia chegar  
E eu já hei de estar morto á beira do caminho.



— revolta —

Alma que sofres pavorosamente  
A dor de seres privilegiada  
Abandona o teu pranto, sê contente  
Antes que o horror da solidão te invada.

Deixa que a vida te possua ardente  
O' alma supremamente desgraçada.  
Abandona, aguia, a inhospita morada  
Vem rastejar no chão como a serpente.

De que te vale o espaço se te cança  
Quanto mais sobes mais o espaço avança...  
Desce ao chão, aguia audaz, que a noite é fria.

Volta, ó alma, ao lugar de onde partiste  
O mundo é bom. O espaço é muito triste...  
Talvez tu possas ser feliz um dia.

Na treva que se fez em torno a mim

Eu vi a carne.

Eu senti a carne que me afogava o peito

E me trazia á boca o beijo maldito.

Eu gritei.

De horror eu gritei que a perdição me possuía a alma

E ninguém me atendeu.

Eu me debati em ansias impuras  
A treva ficou rubra em torno a mim  
E eu caí!

As horas longas passaram...  
O pavor da morte me possuiu...  
No vazio interior ouvi gritos lugubres  
Mas a boca beijada não respondeu aos gritos.

Tudo ficou na prostração...

O movimento da treva cessou ante mim.

A carne fugiu...  
Desapareceu devagar, sombria, indistinta  
Mas na boca ficou o beijo morto.  
A carne desapareceu na treva  
E eu senti que desaparecia na dor  
Que eu tinha a dor em mim como tivera a carne  
Na violência da posse.

Olhos que olharam a carne  
Porque chorais?  
Chorais talvez a carne que foi  
Ou chorais a carne que jamais voltará?  
Lábios que beijaram a carne  
Porque tremeis?  
Não vos bastou o afago de outros lábios  
Tremeis pelo prazer que eles trouxeram  
Ou tremeis no balbucio da oração?  
Carne que possuiu a carne  
Onde o frio?  
Lá fóra a noite é quente e o vento é tepido  
Gritam luxurias nesse vento  
Onde o frio?

Pela noite quente eu caminhei...  
Caminhei sem rumo, para o ruido longinquo  
Que eu ouvia, do mar.  
Caminhei talvez para a carne  
Que eu vira fugir de mim.

No desespero das arvores paradas busquei consolação  
E no silencio das folhas que caiam senti o odio  
Nos ruidos do mar ouvi o grito de revolta  
E de pavor fugi.

Nada mais existe para mim  
Só talvez tu, Senhor.

Mas eu sinto em mim o aniquilamento...

Dá-me apenas a aurora, Senhor  
Já que eu não poderei jamais ver a luz do dia.

— velha historia —

Depois de atravessar muitos caminhos

Um homem chegou a uma estrada clara e extensa

Cheia de calma e luz.

O homem caminhou pela estrada afóra

Ouvindo a voz dos passaros e recebendo a luz forte do  
[sol

Com o peito cheio de cântos e a boca farta de risos.

O homem caminhou dias e dias pela estrada longa

Que se perdia na planície uniforme.

Caminhou dias e dias...

Os ultimos passaros voaram

Só o sol ficava —

O sol forte que lhe queimava a fronte palida.

Depois de muito tempo ele se lembrou de procurar uma

[fonte

Mas o sol tinha secado todas as fontes.

Ele prescrutou o horizonte

E viu que a estrada ia além, muito além de todas as coisas.

Ele prescrutou o ceu

E não viu nenhuma nuvem.

E o homem se lembrou dos outros caminhos.

Eram difíceis mas a agua cantava em todas as fontes  
Eram ingremes mas as flores embalsamavam o ar puro  
Os pés sangravam na pedra mas a arvore amiga velava

[o sono

Lá havia tempestade e havia bonança

Havia sombra e havia luz.

O homem olhou por um momento a estrada clara e de-

[serta

Olhou longamente para dentro de si

E voltou.



— purificação —

Senhor, logo que eu vi a natureza

As lágrimas secaram.

Os meus olhos pousados na contemplação

Viveram o milagre de luz que explodia no céu...

Eu caminhei, Senhor.

Com as mãos espalmadas eu caminhei para a massa de

[seiva

Eu, Senhor, pobre massa sem seiva

Eu caminhei.

Nem senti a derrota tremenda

Do que era mau em mim.

A luz cresceu, cresceu interiormente

E toda me envolveu.

A ti, Senhor, gritei que estava puro

E na natureza ouvi a tua voz.

Passaros cantaram no ceu

Eu olhei para o ceu e cantei e cantei.

Senti a alegria da vida

Que vivia nas flores pequenas

Senti a beleza da vida

Que morava na luz e morava no ceu

E cantei e cantei.

A minha voz subiu até ti, Senhor

E tu me deste a paz.

Eu te peço, Senhor  
Guarda meu coração no teu coração  
Que ele é puro e simples.  
Guarda a minha alma na tua alma  
Que ela é bela, Senhor.  
Guarda o meu espirito no teu espirito  
Porque ele é a minha luz  
E porque só a ti ele exalta e ama.



— sacrificio —

Num instante foi o sangue, o horror, a morte, na lama  
[do chão.

— Segue, disse a voz. E o homem seguiu, impavido  
Pisando o sangue do chão, vibrando, na luta.

No odio do monstro que vinha

Abatendo com o peito a miseria que vivia na terra

O homem sentiu a propria grandeza  
E gritou que o heroismo é das almas incompreendidas.

Ele avançou.

Com o fogo da luta no olhar ele avançou sosinho.

As unicaç estrelas que restavam no ceu

Desapareceram ofuscadas ao brilho ficticio da lua.

O homem sosinho, abandonado na treva

Gritou que a treva é das almas traídas

E que o sacrificio é a luz que redime.

Ele avançou.

Sem temer ele olhou a morte que vinha

E viu na morte o sentido da vitoria do Espirito.

No horror do choque tremendo

Aberto em feridas o masculino peito

O homem gritou que a traição é da alma covarde

E que o forte que luta é como o raio que fêre

E que deixa no espaço o estrondo da sua vinda.

No sangue e na lama

O corpo sem vida tombou.

Mas nos olhos do homem caído

Havia ainda a luz do sacrificio que redime

E no grande Espirito que adejava o mar e o monte

Mil vozes clamavam que a vitoria do homem forte tom-

[bado na luta

Era o novo Evangelho para o homem da paz que lavra

[no campo.



— a floresta —

Sobre o dorso possante do cavalo  
Banhado pela luz do sol nascente  
Eu penetrei o atalho, na floresta.  
Tudo era força ali. Tudo era força  
Força ascencional da natureza.

A luz que em torvellinhos despenhava  
Sobre a coma verdíssima da mata,  
Pelos claros das arvores entrava  
E desenhava a terra de arabescos.  
Na vertigem suprema do galope  
Pelos ouvidos, doces, perpassavam  
Cantos selvagens de aves indolentes.  
A branda aragem que do azul descia  
E nas folhas das arvores brincava  
Trazia á boca um gosto saboroso  
De folha verde e nova e seiva bruta.  
Vertiginosamente eu caminhava  
Bebado da frescura da montanha  
Bebendo o ar estranguladamente.  
Ás vezes, a mão firme apaziguava  
O impulso ardente do animal feroso  
Para ouvir de mais perto o canto suave  
De alguma ave de plumagem rica

E após, soltando as redeas ao cavalo  
Ia de novo loucamente á brida.

De repente eu parei. Longe, bem longe  
Um ruído indeciso, informe ainda  
Vinha ás vezes, trazido pelo vento.  
Apenas branda aragem perpassava  
E pelo azul do ceu, nenhuma nuvem.  
Que seria? De novo caminhando  
Mais distinto escutava o extranho ruído  
Como que o ronco baixo e surdo e cavo  
De um gigante de lenda adormecido.

A cachoeira, Senhor! A cachoeira!  
Era ela. Meu Deus, que magestade!  
Desmontei. Sobre a borda da montanha  
Vendo a agua lançando-se em peitadas  
Em contorsões, em doidos torvelinhos  
Sobre o rio dormente e marulhoso  
Eu tive a extranha sensação da morte.

Em cima o rio vinha espumeggiante  
Apertado entre as pedras pardacentas  
Rapido e se sacudindo em branca espuma.  
De repente era o vacuo em baixo, o nada  
A queda célere e desamparada  
A vertigem do abismo, o horror supremo  
A agua caindo, apavorada, cega  
Como querendo se agarrar nas pedras  
Mas caindo, caindo, na voragem  
E toda se estilhaçando, espumeggiante.

Lá fiquei longo tempo sobre a rocha  
Ouvindo o grande grito que subia  
Cheio, eu tambem, de gritos interiores.  
Lá fiquei, só Deus sabe quanto tempo  
Sufocando no peito o sofrimento —  
Caudal de dor atroz e inapagavel  
Bem mais forte e selvagem do que a outra.

Feita ela toda da desesperança  
De não poder sentir a natureza  
Com o espirito em Deus que a fez tão bela.  
Quando voltei, já vinha o sol mais alto  
E alta vinha a tristeza no meu peito.  
Eu caminhei. De novo veio o vento  
Os passaros cantaram novamente  
De novo o aroma rude da floresta  
De novo o vento. Mas eu nada via.  
Eu era um ser qualquer que ali andava  
Que vinha para o ponto de onde viera  
Sem sentido, sem luz, sem esperança  
Sobre o dorso cansado de um cavalo.



— tarde —

Hora dolorosa e roxa das emoções silenciosas

Meu espirito te sentiu.

Ele te sentiu imensamente triste

Imensamente sem Deus

Na tragedia da carne desfeita.

Ele te quiz hora sem tempo

Porque tu eras a sua imagem, sem Deus e sem tempo.

Ele te amou

E te plasmou na visão da manhã e do dia —

Na visão de todas as horas —

O' hora dolorosa e roxa das emoções silenciosas.

— rua da amargura —

A minha rua é longa e silenciosa como um caminho  
[que foge  
E tem casas baixas que ficam me espiando de noite  
Quando a minha angustia passa olhando o alto.  
A minha rua tem avenidas escuras e feias  
De onde saem papeis velhos correndo com medo do vento

E gemidos de pessoas que estão eternamente á morte.

A minha rua tem gatos que não fogem e cães que não

[ladram

Tem arvores grandes que tremem na noite silente

Fugindo as grandes sombras dos pés aterrados.

A minha rua é soturna...

Na capela da igreja ha sempre uma voz que murmura

[louvemos

Sosinha e prostrada diante da imagem

Sem medo das costas que a vaga penumbra apunhala.

A minha rua tem um lampião apagado

Na frente da casa onde a filha matou o pai

Porque não queria ser dele.

No escuro da casa só brilha uma chapa gritando qua-

[renta.

A minha rua é a expiação de grandes pecados

De homens ferozes perdendo meninas pequenas

De meninas pequenas levando ventres inchados  
De ventres inchados que vão perder meninas pequenas.  
É a rua da gata louca que mia buscando os filhinhos  
[nas portas das casas.

É a impossibilidade de fuga diante da vida  
É o pecado e a desolação do pecado  
É a aceitação da tragédia e a indiferença ao degrado  
Como negação do aniquilamento.

É uma rua como tantas outras  
Com o mesmo ar feliz de dia e o mesmo desencontro  
[de noite.

É a rua por onde eu passo a minha angustia  
Ouvindo os ruídos subterrâneos como ecos de prazeres  
[inacabados.

É a longa rua que me leva ao horror do meu quarto  
Pelo desejo de fugir á sua murmuração tenebrosa  
Que me leva á solidão gelada do meu quarto...

Rua da amargura...



— vigilia —

Eu ás vezes acordo e olho a noite estrelada

E sofro doidamente.

A lagrima que brilha nos meus olhos

Possue por um segundo a estrela que brilha no ceu.

Eu sofro no silencio  
Olhando a noite que dorme iluminada  
Pavorosamente acordado á dor e ao silencio  
Pavorosamente acordado!...

Tudo em mim sofre.

Ao peito opresso não basta o ar embalsamado da noite...  
Ao coração esmagado não basta a lagrima triste que  
[desce...

E ao espirito aturdido não basta a consolação do so-  
[frimento.

Ha qualquer coisa fóra de mim, não sei, no vago  
Como que uma presença indefinida  
Que eu sinto mas não tenho.

Meu sofrimento é o maior de todos os sofrimentos  
Porque ele não precisou a visão que flutua  
E não a precisará jamais.  
A dor estará em mim e eu estarei na dor

Em todas as minhas vigílias...

Eu sofrerei até o último dia

Porque será meu último dia o último dia da minha  
[mocidade.



— o poeta —

A vida do poeta tem um ritmo diferente —  
É um continuo de dor angustiante.  
O poeta é o destinado do sofrimento —  
Do sofrimento que lhe clareia a visão de beleza —  
E a sua alma é uma parcela do infinito distante —  
O infinito que ninguém sonda e ninguém compreende.

Ele é o eterno errante dos caminhos  
Que vai, pisando a terra e olhando o céu  
Preso pelos extremos intangíveis  
Clareando como um raio de sol a paisagem da vida.  
O poeta tem o coração claro das aves  
E a sensibilidade das crianças.  
O poeta chora.  
Chora de manso, com lagrimas doces, com lagrimas  
[tristes  
Olhando o espaço imenso da sua alma.  
O poeta sorri.  
Sorri á vida e á beleza e á amizade  
Sorri com a sua mocidade a todas as mulheres que  
[passam.  
O poeta é bom.  
Ele ama as mulheres castas e as mulheres impuras  
Sua alma as compreende na luz e na lama  
Ele é cheio de amor para as coisas da vida  
E é cheio de respeito para as coisas da morte.

O poeta não teme a morte.

Seu espirito penetra a sua visão silenciosa

E a sua alma de artista possui-a cheia de um novo  
[misterio.

A sua poesia é a razão da sua existencia

Ela o faz puro e grande e nobre

E o consola da dor e o consola da angustia.

A vida do poeta tem um ritmo diferente —

Ela o conduz errante pelos caminhos, pisando a terra e  
[olhando o ceu

Preso, eternamente preso pelos extremos intangiveis.



— **mormaço** —

No silencio morno das coisas do meio-dia

Eu me esvaio no aniquilamento dos agudissimos do

[violino

Que a menina palida estuda ha anos sem compreender.

Eu sinto o letargo das dissonancias harmonicas

Do vendedor de modinhas e da pedra do amolador

Que trazem a visão de mulheres macilentas dansando

[no espaço

Na moleza das espatifadas da carne.

Eu vou pouco a pouco adormecendo

Sentindo os gritos do violino que penetram em todas as

[frestas

E resecam os labios entre-abertos na respiração

Mas que dão a impressão da mediocridade feliz e bôa.

Que importa que a imagem do Cristo pregada na parede

[seja a verdade...

Eu sinto que a verdade é a grande calma do sono

Que vem com o cantar longinquo dos galos

E que me esmaga nos cilios longos beijos luxuriosos...

Eu sinto a queda de tudo na lassidão...

Adormeço aos poucos na apatia dos ruidos da rua  
E na constancia nostalgica da tosse do vizinho tuber-  
[culoso  
Que ha um ano espera a morte que eu morro no sono  
[do meio-dia.



— romanza —

Branca mulher de olhos claros  
De olhar branco e luminoso  
Que tinhas luz nas pupilas  
E luz nos cabelos louros

Onde levou-te o destino  
Que te afastou para longe  
Da minha vista sem vida  
Da minha vida sem vista?

Andavas sempre sosinha  
Sem cão, sem homem, sem Deus  
Eu te seguia sosinho  
Sem cão, sem mulher, sem Deus  
Eras a imagem de um sonho  
A imagem de um sonho eu era  
Ambos levando a tristeza  
Dos que andam em busca do sonho.

Ias sempre, sempre andando  
Eu ia sempre seguindo  
Pisando na tua sombra  
Vendo-a às vezes se afastar

Nem sabias quem eu era  
Não te assustavam meus passos  
Tu sempre andando na frente  
Eu sempre atrás caminhando.

Toda a noite em minha casa  
Passavas na caminhada  
Eu te esperava e seguia  
Na proteção do meu passo  
E após o curto caminho  
Da praia de ponta a ponta  
Entravas na tua casa  
E eu ia, na caminhada.

Eu te amei, mulher serena  
Amei teu vulto distante  
Amei teu passo elegante  
E a tua beleza clara

Na noite que sempre vinha  
Mas sempre custava tanto  
Eu via a hora suprema  
Das horas da minha vida.

Eu te seguia e sonhava  
Sonhava que te seguia  
Esperava ansioso o instante  
De defender-te de alguém  
E então meu passo mais forte  
Dizia — quero falar-te  
E o teu mais brando dizia  
— Si queres destruir — vem.

Eu ficava. E te seguia  
Pelo deserto da praia  
Até avistar a casa  
Pequena e branca da esquina.

Entravas. Por um momento  
Esperavas que eu passasse  
Para o olhar de bôa-noite  
E o olhar de até-amanhã.

Quasi um ano o nosso idílio.  
Uma noite... não passaste.  
Esperei-te ansioso, inquieto  
Mas não vieste. Porque?  
Foste embora? Procuraste  
O amor de algum outro passo  
Que em vez de seguir-te sempre  
Andasse sempre ao teu lado?

Eu ando agora sosinho  
Na praia longa e deserta  
Eu ando agora sosinho  
Porque fugiste? Porque?

Ao meu passo solitario  
Triste e incerto como nunca  
Só responde a voz das ondas  
Que se esfacelam na areia.

Branca mulher de olhos claros  
Minha alma inda te deseja  
Tráz ao meu passo cansado  
A alegria do teu passo  
Onde levou-te o destino  
Que te afastou para longe  
Da minha vista sem vida  
Da minha vida sem vista?... .

— suspensão —

Fóra de mim, fóra de nós, no espaço, no vago  
A musica dolente de uma valsa  
Em mim, profundamente em mim  
A musica dolente do teu corpo  
E em tudo, vivendo o momento de todas as coisas  
A musica da noite iluminada.

O ritmo do teu corpo no meu corpo...

O giro suave da valsa longinqua, da valsa suspensa...

Meu peito vivendo teu peito

Meus olhos bebendo teus olhos, bebendo teu rosto...

E a vontade de chorar que vinha de todas as coisas.

— vasio —

A noite é como um olhar longo e claro de mulher...

Sinto-me só.

Em todas as coisas que me rodeiam

Ha um desconhecimento completo da minha infelicidade.

A noite alta me espia pela janela  
E eu, desamparado de tudo, desamparado de mim pro-  
[prio

Olho as coisas em torno  
Com um desconhecimento completo das coisas que me  
[rodeiam.

Vago em mim mesmo sosinho perdido  
Tudo é deserto, minha alma é vasia  
E tem o silencio grave dos templos abandonados.  
Eu espio a noite pela janela  
Ela tem a quietação maravilhosa do extasis...  
Mas os gatos em baixo me acordam gritando luxurias  
E eu penso que amanhã...  
Mas a gata vê na rua um gato preto e grande  
E foge do gato cinzento.

Eu espio a noite maravilhosa  
Extranha como um olhar de carne...

Eu vejo na grade o gato cinzento olhando os amores da

[gata e do gato preto

Perco-me por momentos em antigas aventuras

E volto á alma vasia e silenciosa que não acorda mais

Nem á noite clara e longa como um olhar de mullier

Nem aos gritos luxuriosos dos gatos se amando na rua.



—quietação —

No espaço claro e longo

O silencio é como uma penetração de olhares calmos...

Eu sinto tudo pousado dentro da noite

E chega até mim um lamento continuo de arvores curvas.

Como desesperados de melancolia  
Uivam na estrada cães cheios de lua.  
O silencio pesado que desce  
Curva todas as coisas religiosamente  
E o murmurio que sóbe é como uma oração da noite...

Eu penso em ti.

Minha boca cicia longamente o teu nome

E eu busco sentir no ar o aroma morno da tua carne.

Vejo-te ainda na visão que te precisou no espaço

Ouvindo de olhos dolentes as palavras de amor que eu

[te dizia

Fóra do tempo, fóra da vida, na cessação suprema do

[instante

Ouvindo, junto de mim, a angustia apaixonada da mi-

[nha voz

Num desfalecimento.

Pelo espaço claro e longo

Vibra a luz branca das estrelas.

Nem uma aragem, tudo parado, tudo silencio  
Tudo imensamente repousado.  
E eu cheio de tristeza, sosinho, parado  
Pensando em ti.



— olhos mortos —

Algum dia esses olhos que beijavas tanto  
Numa carícia sem misterios  
Olharão para o ceu e pararão.  
Nesse dia nem o teu beijo angelizante  
Poderá novaménte desperta-los.

A luz que lhe boiava nas pupilas  
Tu a verás talvez na face magra  
Do Cristo prisioneiro entre as mãos crispadas.  
Eles serão brancos — a imagem desse ceu alto e sus-  
[penso

Que foi a sua ultima visão.  
Eles não te dirão mais nada.  
Não te falarão aquela linguagem extraordinaria  
Que te repousava como uma musica longinqua.  
Não olharão mais nada que uma distancia qualquer,  
[longe  
Uma distancia que nem tu nem ninguem saberá qual é.  
Eles estarão abertos, comprensivos da morte, parados  
Nem tu conseguirás mais desperta-los.  
E eu te peço — tu que tanto amavas repousa-los  
Com a luz clara do teu olhar sem martirios —  
Não os prendas á angustia triste do teu pranto.  
Silencio... silencio. Beija-os ainda e vai.  
Deixa-os fitando eternamente o ceu.

— a esposa —

Às vezes, nessas noites frias e enevoadas  
Onde o silencio nasce dos ruidos monotonos e mansos  
Essa extranha visão de mulher calma  
Surgindo do vazio dos meus olhos parados  
Vem espiar minha imobilidade.

E ela fica horas longas, horas silenciosas  
Somente movendo os olhos serenos no meu rosto  
Atenta, á espera do sono que virá e me levará com ele.  
Nada diz, nada pensa, apenas olha — e o seu olhar é  
[como a luz

De uma estrela velada pela bruma.  
Nada diz. Olha apenas as minhas palpebras que descem  
Mas que não vencem o olhar perdido longe.  
Nada pensa. Virá e agazalhará minhas mãos frias  
Si sentir frias suas mãos.

Quando a porta ranger e a cabecinha loura de criança  
Aparecer curiosa e a voz clara chama-la num reclamo  
Ela apontará para mim pondo o dedo nos labios  
Sorrindo de um sorriso misterioso  
E se irá num passo leve  
Após o beijo leve e roçagante...

Eu só verei a porta que se vai fechando brandamente...

Ela terá ido, a esposa amiga, a esposa que eu nunca  
[terei...

— a que ha de vir —

Aquela que dormirá comigo todas as luas

E' a desejada de minha alma.

Ela me dará o amor do seu coração

E me dará o amor da sua carne.

Ela abandonará pai, mãe, filho, esposo

E virá a mim com os peitos e virá a mim com os lábios.  
Ela é a querida da minha alma  
Que me fará longos carinhos nos olhos  
Que me beijará longos beijos nos ouvidos  
Que rirá no meu pranto e rirá no meu riso.  
Ela só verá minhas alegrias e minhas tristezas  
Temerá minha colera e se aninhará no meu socego  
Ela abandonará filho e esposo  
Abandonará o mundo e o prazer do mundo  
Abandonará Deus e a Igreja de Deus  
E virá a mim me olhando de olhos claros  
Se oferecendo á minha posse  
Rasgando o véu da nudez sem falso pudor  
Cheia de uma pureza luminosa.  
Ela é a amada sempre nova do meu coração  
Ela ficará me olhando calada  
Que ela só crerá em mim —  
Far-me-á a razão suprema das coisas.

Ela é a amada da minha alma triste  
E' a que dará o peito casto  
Onde os meus labios pousados viverão a vida do seu  
[coração.

Ela é a minha poesia e a minha mocidade  
E' a mulher que se guardou para o amado de sua alma  
Que ela sentia vir porque ia ser dela e ela dele.

Ela é o amor vivendo de si mesmo.

E' a que dormirá comigo todas as luas  
E a quem eu protegerei contra os males do mundo.

Ela é a anunciada da minha poesia  
Que eu sinto vindo a mim com os labios e com os peitos  
E que será minha, só minha, como a força é do forte e a  
[poesia é do poeta.



— carne —

Que importa si a distancia estende entre nós leguas e  
[leguas

Que importa si existe entre nós muitas montanhas?...

O mesmo céu nos cobre

E a mesma terra liga nossos pés.

No céu e na terra é tua carne que palpita.

Em tudo eu sinto o teu olhar se desdobrando  
Na carícia violenta do teu beijo.  
Que importa a distancia e que importa a montanha  
Si tu és a extensão da carne  
Sempre presente?...

— desde sempre —

Na minha frente, no cinema escuro e silencioso  
Eu vejo as imagens musicalmente ritmicas  
Narrando a beleza suave de um drama de amor.  
Atraz de mim, no cinema escuro e silencioso  
Eu ouço vozes surdas, viciadas  
Vivendo a miseria de uma comedia de carne.

Cada beijo longo e casto do drama  
Corresponde a cada beijo ruidoso e sensual da comedia  
Minha alma recolhe a caricia de um  
E a minha carne a brutalidade do outro.  
Eu me angustio.  
Desespera-me não me perder da comedia ridicula e falsa  
Para me integrar definitivamente no drama  
Sinto a minha carne curiosa prendendo-me ás palavras  
[implorativas  
Que ambos se trocam na agitação do sexo.  
Tento fugir para a imagem pura e melodiosa  
Mas ouço terrivelmente tudo  
Sem poder tapar os ouvidos.  
Num impulso fujo, vou para longe do casal impudico  
Para somente poder ver a imagem.  
  
Mas é tarde. Eu olho o drama sem mais penetrar-lhe  
[a beleza  
Minha imaginação crea o fim da comedia que é sempre  
[o mesmo fim

E me penetra a alma uma tristeza infinita

Como si para mim tudo tivesse morrido.



— a uma mulher —

Quando a madrugada entrou eu extendi o meu peito nú

[sobre o teu peito

Estavas tremula e o teu rosto palido e as tuas mãos

[frias

E a angustia do regresso morava já nos teus olhos.

Tive piedade do teu destino que era morrer no meu

[destino

Quiz afastar por um segundo de ti o fardo da carne  
Quiz beijar-te num vago carinho agradecido.  
Mas quando meus labios tocaram os teus labios  
Eu compreendi que a morte já estava no teu corpo  
E que era preciso fugir para não perder o unico ins-  
[tante  
Em que foste realmente a ausencia de sofrimento  
Em que realmente foste a serenidade.

1437

— vinte anos —

Pela campina as borboletas se amam ao estrepito das  
[azas.

Tudo quietação de folhas. E um sol frio  
Interiorizando as almas.

Mergulhado em mim mesmo, com os olhos errando na  
[campina

Eu me lembro da minha juventude.

Penso nela como os velhos na mocidade distante —

--Na minha juventude!...

Eu fui feliz neste passado grato...

Viviam então em mim forças que já me faltam.

Possuia a mesma sinceridade nos bons e máos senti-

[mentos —

Aos frenesis da carne se sucediam os grandes mysticis-

[mos quietos.

Era um pequeno condor que ama as alturas

E tem confiança nas garras

Tinha fé em Deus e em mim mesmo

Confessava-me todo Domingo

E tornava a pecar toda segunda-feira

Tinha paixão por mulheres casadas

Fazia sonetos sentimentais e realistas

Que catalogava num grande livro preto

Que eu tinha posto o nome de Fœderis Arca.

A minha juventude...

Onde eu seguia ansioso Tartarin pelos Alpes...

E Julio Verne foi o mais audaz de todos os cerebros...

Onde Mr. Pickwick era a alegria das noites de frio...

E Athos o mais perfeito de todos os homens...

A minha juventude...

Onde Cervantes não era o filosofo de D. Quixote.

A minha juventude...

E a noite passada em claro chorando Jean Valjean que

[Victor Hugo matára..

Como vae longe tudo.

Pesa-me como uma sufocação meus proximos vinte anos

E esta experiência das coisas que aumenta a cada dia.

Medo de ser joven agora e ser ridiculo

Medo da morte futura que a minha juventude despre-  
[zava

Medo de tudo, medo de mim proprio

Do tédio das vigílias e do tédio dos dias...

Virá para mim uma velhice como vem para os outros

Que me disseará na experiencia?...

Da campina verde voaram as borboletas...

Só a quietação das folhas

E o meu turbilhão de pensamentos.

— **velhice** —

Virá o dia em que eu hei de ser um velho experiente  
Olhando as coisas atravez de uma filosofia sensata  
E lendo os classicos com a afeição que a minha mocidade não permite.  
Nesse dia Deus talvez tenha entrado definitivamente em  
[meu espirito

Ou talvez tenha saído definitivamente dele.

Então todos os meus atos serão encaminhados no sentido  
[do tumulto

E todas as idéas auto-biograficas da mocidade terão des-  
[aparecido —

Ficará talvez somente a idéa do testamento bem escrito.

Serei um velho, não terei mocidade, nem sexo, nem vida

Só terei uma experiencia extraordinaria.

Fecharei minha alma a todos e a tudo

Passará por mim muito longe o ruido da vida e do  
[mundo

Só o ruido do coração doente me avisará de uns restos  
[de vida em mim.

Nem o cigarro da mocidade restará...

Será um cigarro forte que satisfará aos pulmões vi-  
[ciados

E que dará a tudo um ar saturado de velhice.

Não escreverei mais a lapis

E só usarei pergaminhos compridos.

Terei um casaco de alpaca que me fechará os olhos...

Serei um corpo sem mocidade, inutil, vazio

Cheio de irritação para com a vida

Cheio de irritação para comigo mesmo.

O eterno velho que nada é, nada vale, nada vive.

O velho cujo unico valor é ser o cadaver de uma moci-

[dade creadora.



— fim —

Será que eu cheguei ao fim de todos os caminhos  
E só resta a possibilidade de permanecer?  
Será a Verdade apenas um incentivo á caminhada  
Ou será ela a propria caminhada?  
Terão mentido os que surgiram da treva e gritaram  
[— Espirito!

E gritaram — coragem!?...

Rasgarei as mãos nas pedras da enorme muralha

Que fecha tudo á libertação?

Lançarei meu corpo na vala comum dos falidos

Ou cairei lutando contra o impossível que antolla-me

[os passos

Apenas pela gloria de tombar lutando?...

Será que eu cheguei ao fim de todos os caminhos...

Ao fim de todos os caminhos?...

— extensão —

Eu busquei encontrar na extensão um caminho  
Um caminho qualquer para qualquer lugar.  
Eu segui ao sabor de todos os ventos  
Mas somente a extensão.

Chorei. Prostrado na terra eu olhei para o ceu  
E pedi ao Senhor o caminho da fé.

Noites e noites foram-se em silencio

E somente a extensão.

Quiz morrer. Talvez a terra fosse o unico caminho

E á terra me abracei esperando o meu fim

Porem tudo era terra e eu não quiz mais a terra

Que era a grande extensão.

Quiz viver. E em mim mesmo eu busquei o caminho

Na ansiedade de uma ultima esperança

Eu olhei — e volvi á extensão desesperado —

Era tudo extensão.

— minha mãe —

Minha mãe, minha mãe, eu tenho medo  
Tenho medo da vida, minha mãe.  
Canta a doce cantiga que cantavas  
Quando eu corria doido ao teu regaço.  
Com medo dos fantasmas do telhado.

Nina o meu sono cheio de inquietude  
Batendo de levinho no meu braço  
Que eu estou com muito medo, minha mãe.  
Repousa a luz amiga dos teus olhos  
Nos meus olhos sem luz e sem repouso  
Diz á dor que me espera eternamente  
Para ir-se embora. Expulsa a angustia imensa  
Do meu ser que não quer e que não póde  
Dá-me um beijo na fronte dolorida  
Que ela arde de febre, minha mãe.  
Aninha-me em teu colo como outrora  
Diz-me bem baixo assim — filho, não temas  
Dorme em socego que tua mãe não dorme.  
Dorme. Os que de ha muito te esperavam  
Cansados já se foram para longe.  
Perto de ti está tua mãezinha  
Teu irmão que o estudo adormeceu  
Tuas irmãs pisando de levinho  
Para não despertar o sono teu.

Dorme, meu filho, dorme no meu peito  
Sonha a felicidade. Vélo eu.

Minha mãe, minha mãe, eu tenho medo  
Me apavora a renuncia. Diz que eu fique  
Diz que eu parta, ó mãe, para a saudade.  
Afugenta este espaço que me prende  
Afugenta o infinito que me chama  
Que eu estou com muito medo, minha mãe.



— solidão —

Desesperança das esperanças...

Última e triste luz de uma alma em treva...

-- A vida é um sonho vão que a vida leva

Cheio de dores tristemente mansas.

— E' mais belo o fulgor do ceu que néva  
Que os esplendores fortes das bonanças  
Mais humano é o desejo que nos céva  
Que as gargalhadas claras das crianças.

Eu sigo o meu caminho incompreendido  
Sem crença e sem amor como um perdido  
Na certeza cruel que nada importa.

Ás vezes vem cantando um passarinho  
Mas passa. E eu vou seguindo o meu caminho  
Na tristeza sem fim de uma alma morta.

— os inconsoláveis —

Desesperados vamos pelos caminhos desertos  
Sem lagrimas nos olhos  
Desesperados buscamos constelações no céu enorme  
E em tudo a escuridão.  
Quem nos levará á claridade  
Quem nos arrancará da visão a treva imóvel

E falará da aurora prometida?...  
Procuramos em vão na multidão que segue  
Um olhar que encoraje nosso olhar —  
Mas todos procuramos olhos esperançosos  
E ninguém os encontra.  
Aos que veem a nós cheios de angustia  
Mostramos a chaga interior sangrando angustias  
E eles lá se vão sofrendo mais.  
Aos que vamos em busca de alegria  
Mostramos a tristeza de nós mesmos  
E eles sofrem, que eles são os infelizes  
Que eles são os sem consolo...

Quando virá o fim da noite  
Para as almas que sofrem no silencio?  
Porque roubar assim a claridade  
Aos passaros da luz?  
Porque fechar assim o espaço eterno  
As aguias gigantescas?

Porque encadear assim á terra

Espiritos que são do imensamente alto?...

Ei-la que vai, a procissão das almas

Sem gritos, sem prantos, cheia do silencio do sofrimento

Andando pela planicie infinda que leva ao desconhecido.

As bocas dolorosas não cantam

Porque os olhos parados não veem.

Tudo neles é a paralisação da dor no paroxismo

Tudo neles é a negação do anjo...

... são os Inconsolaveis.

— Aguias acorrentadas pelos pés!



— senhor, eu não sou digno —

Para que cantarei nas montanhas sem éco

As minhas louvações?...

A tristeza de não poder atingir o infinito

Embargará de lagrimas a minha voz...

Para que entoarei o psalmo harmonioso

Se tenho na alma um de-profundis?...

Minha voz jamais será clara como a voz das crianças

Minha voz tem as inflexões dos brados de martirio

Minha voz enrouqueceu no desespero...

Para que cantarei

Si em vez de belos canticos serenos

A solidão escutará gemidos?...

Antes ir. Ir pelas montanhas sem éco...

Pelas montanhas sem caminho

Onde a voz fraca não irá.

Antes ir — e abafar as louvações no peito —

Ir vasio de cantos pela vida...

Ir pelas montanhas sem éco e sem caminho, pelo si-

[lencio

Como o silencio que caminha...

— o bom - pastor —

Amo andar pelas tardes sem sons, brandas, maravilhosas  
Com riscos de andorinhas pelo ceu.  
Amo ir solitario pelos caminhos  
Olhando a tarde parada no tempo  
Parada no ceu como um passaro ao vôo  
E que vem de azas largas se abatendo...

Amo desvendar a vaga penumbra que desce...  
Amo sentir o ar sem movimento, a luz sem vida  
Tudo interiorizado, tudo paralizado na oração calma...

Amo andar nessas tardes...  
Sinto-me penetrando o sereno vazio de tudo  
Como um raio de luz.  
Cresco, projeto-me ao infinito, agigantado  
Para consolar as arvores angustiadas  
E acalmar os pinheiros moribundos...  
Deço aos vales como uma sombra de montanha  
Buscando poesia nos rios parados...  
Sou como o bom-pastor da natureza  
Que recolhe a alma do seu rebanho  
No agasalho da sua alma...

E amo voltar...  
Quando tudo não é mais que uma saudade  
Do momento suspenso que foi...

Amo voltar quando a noite palpita

Nas primeiras estrelas claras...

Amo vir com a aragem que começa a descer das mon-

[tanhas

Trazendo cheiros agrestes de selva...

E pelos caminhos já percorridos, voltando com a noite

Amo sonhar...



— sonoridade —

Meus ouvidos pousam na noite dormente como aves  
[calmas

Ha iluminações no céu se desfazendo...

O grilo é um coração pulsando no sono do espaço  
E as folhas farfalham um murmurio de coisas passadas  
Devagarinho...

Em arvores longinquas passaros sonambulos pipilam  
E aguas desconhecidas escorrem sussurros brancos na  
[treva.

Na escuta meus olhos se fecham, meus labios se oprimem  
Tudo em mim é o instante de percepção de todas as vi-  
[brações.

Pela réta invisível os galos são vigilantes que gritam  
[socego.

Mais forte, mais fraco, mais brando, mais longe, su-  
[mindo.

Voltando, mais longe, mais brando, mais fraco, mais  
[forte.

Batidos distantes de passos caminham no escuro sem  
[almas.

Amantes que voltam...

Pouco a pouco todos os ruidos vão se penetrando como  
[dedos

E a noite ora.

Eu ouço a estranha ladainha

E ponho os olhos no alto sonolento.

Um leve vento começa a descer como um sopro de ben-  
[ção

Ora pro nobis...

Os primeiros perfumes ascendem da terra  
Como emanações de calor de um corpo jovem.

Na treva os lírios tremem, as rosas se desfolham...

O silêncio sopra sono pelo vento.  
Tudo se dilata um momento e se enlanguece  
E dorme...

Eu vou me desprendendo de mansinho

A noite dorme...



— o poeta na madrugada —

Quando o poeta chegou na cidade  
A aurora vinha clareando o ceu distante  
E as primeiras mulheres passavam levando cantaros  
[cheios.  
Os olhos do poeta tinham as claridades da aurora  
E ele cantou a beleza da nova madrugada.

As mulheres beijaram a fronte do poeta  
E rogaram o seu amor.  
O poeta sorriu.  
Mostrou-lhes no ceu claro o passaro que voava  
E disse que a visão da beleza era da poesia.  
O poeta tem a alegria que vive na luz  
E tem a mocidade que nasce da luz.  
As mulheres seguiram o poeta  
Oferecendo a tristeza do seu amor e a alegria da sua  
[carne  
O poeta amou a carne das mulheres  
Mas não envelheceu no amor que elas lhe davam.  
O poeta quando ama  
E' como a flor que murcha sem seiva  
Porque o amor do poeta  
E' a seiva do mundo  
E si o poeta amasse  
Ele não viveria eternamente joven, brilhando na luz.

Quando a nova madrugada raiou no ceu distante

O poeta já tinha partido.

E seguindo o poeta as mulheres de peitos fartos e de

[cantaros fartos

Falavam de ardentes promessas de amor.



— judeu - errante —

Hei de seguir eternamente a estrada  
Que ha tanto tempo já venho seguindo  
Sem me importar com a noite que vem vindo  
Como uma pavorosa alma-penada.

Sem fé na redenção, sem crença em nada  
Fugitivo que a dor vem perseguindo  
Busco eu também a paz onde sorrindo  
Será também minha alma uma alvorada.

Onde é ela? Talvez nem mesmo exista...  
Ninguém sabe onde fica... Certo, dista  
Muitas e muitas leguas de caminho...

Não importa. O que importa é ir em fóra  
Pela ilusão de procurar a aurora  
Sofrendo a dor de caminhar sosinho.

— o vale do paraizo —

Quando vier de novo o ceu de Maio largando estrelas  
Eu irei, lá onde os pinheiros rescendem nas manhãs  
[humidas  
Lá onde a aragem não desdenha a pequenina flor das  
[encostas.  
Será como sempre, na estrada vermelha a grande pedra  
[recolherá sol

E os pequenos inséto*s* irão e virão, e longe um cão  
[ladrará

E nos tufos dos arbustos haverá enrendados de orvalho  
[nas teias de aranha.

As montanhas, vejo-as iluminadas, ardendo no grande  
[sol amarelo

As vertentes, algodoadas de neblina, lembro-as suspen-  
[dendo arvores nas nuvens

As matas, sinto-as ainda vibrando na comunhão das sen-  
[sações

Como uma epiderme verde, porejada.

Na eminencia a casa estará rindo no lampejar dos vi-  
[dros das suas mil janelas

A sineta tocará matinas e a presença de Deus não per-  
[mitirá a Ave-Maria

Apenas a poesia estará nas ramadas que entram pela  
[porta

E a agua estará fria e todos correrão pela grama

E o pão estará fresco e os olhos satisfeitos.

Eu irei, será como sempre, nunca o silencio sem remedio

[das insonias

O vento cantará nas frinchas e os grilos trilarão folhas

[secas

E haverá coxos distantes em cada instante

Depois as grandes chuvas encharcando o barro e esma-

[gando a herva

E batendo nas latas vagas monotonias de cidade.

Eu me recolherei um minuto e escreverei: — “Onde

[estará a voluptia...”

E as borboletas se fecundando não me responderão.

Será como sempre, será a altura, será a proximidade da

[suprema inexistencia

Lá onde á noite o frio immobiliza a luz cadente das es-

[trelas

Lá onde eu irei.



— a grande voz —



E' terrivel, Senhor! Só a voz do prazer cresce nos ares.  
Nem mais um gemido de dor, nem mais um clamor de  
[heroismo  
Só a miseria da carne, e o mundo se desfazendo na lama  
[da carne.

E' terrivel, Senhor. Desce teus olhos.

As almas sãs clamam a tua misericordia.

Elas creem em ti. Creem na redenção do sacrificio.

Diz-lhes, Senhor, que és o Deus da Justiça e não da

[covardia

Diz-lhes que o espirito é da luta e não do crime

Diz-lhes, Senhor, que não é tarde!

Senhor! Tudo é blasfemia e tudo é lodo.

Si um lembra que amanhã é o dia da miseria

Mil gritam que hoje é o dia da carne.

Olha, Senhor, antes que seja tarde

Abandona um momento os puros e os bemaventurados

Desvia um segundo o teu olhar de Roma

Dá remedio a esta infelicidade sem remedio

Antes que ela corrompa os bemaventurados e os puros.

Não, Meu Deus. Não pôde prevalecer o prazer e a men-  
[tira.

A Verdade é o Espirito. Tu és o Espirito supremo

E tu exigiste de Abraão o sacrificio de um filho.

Na verdade o que é forte é o que mata si o Espirito  
[exige.

E' o que sacrifica á causa do bem seu ouro e seu filho.

A alma do prazer é da terra. A alma da luta e do  
[espaço.

E a alma do espaço aniquilará a alma da terra

Para que a Verdade subsista.

Talvez, Senhor Meu Deus, fôra melhor

Findar a humanidade esfacelada

Com o fogo sagrado de Sodoma.

Melhor fôra, talvez, lançar teu raio

E terminar eternamente tudo.

Mas não, Senhor. A morte aniquila — ao fraco a morte  
[ingloria.

A luta redime — ao forte a luta e a vida.

Mais vale, Senhor, a tua piedade

Mas vale o teu amor concitando ao combate ultimo.

Senhor, eu não compreendo os teus sagrados designios.

Jeová — tu chamaste á luta os homens fortes

Tua mão lançou pragas contra os impios

Tua voz incitou ao sacrificio da vida as multidões.

Jesus — tu pregaste a parabola suave

Tu apanhaste na face humildemente

E carregaste ao Golgota o madeiro.

Senhor eu não os compreendo, os teus designios.

Senhor, antes de seres Jesus a humanidade era forte

Os homens bons ouviam a doçura da tua voz

Os mãos sentiam a dureza da tua colera.

E depois, depois que passaste pelo mundo

Teu doce ensinamento foi esquecido

Tua existencia foi negada

Veio a treva, veio o horror, veio o pecado

Resuscitou Sodoma.

Senhor, a humanidade precisa ouvir a voz de Jeová

Os fortes precisam se erguer de armas em punho

Contra o mal — contra o fraco que não luta.

A guerra, Senhor, é em verdade a lei da vida

O homem precisa lutar, porque está escrito

Que o Espírito ha de permanecer na face da terra.

Senhor! Concita os fortes ao combate

Sopra nas multidões inquietas o sopro da luta

Precipita-os no horror da avalanche suprema.

Dá ao homem que sofre a paz da guerra

Dá á terra cadaveres heroicos

Dá sangue quente ao chão!

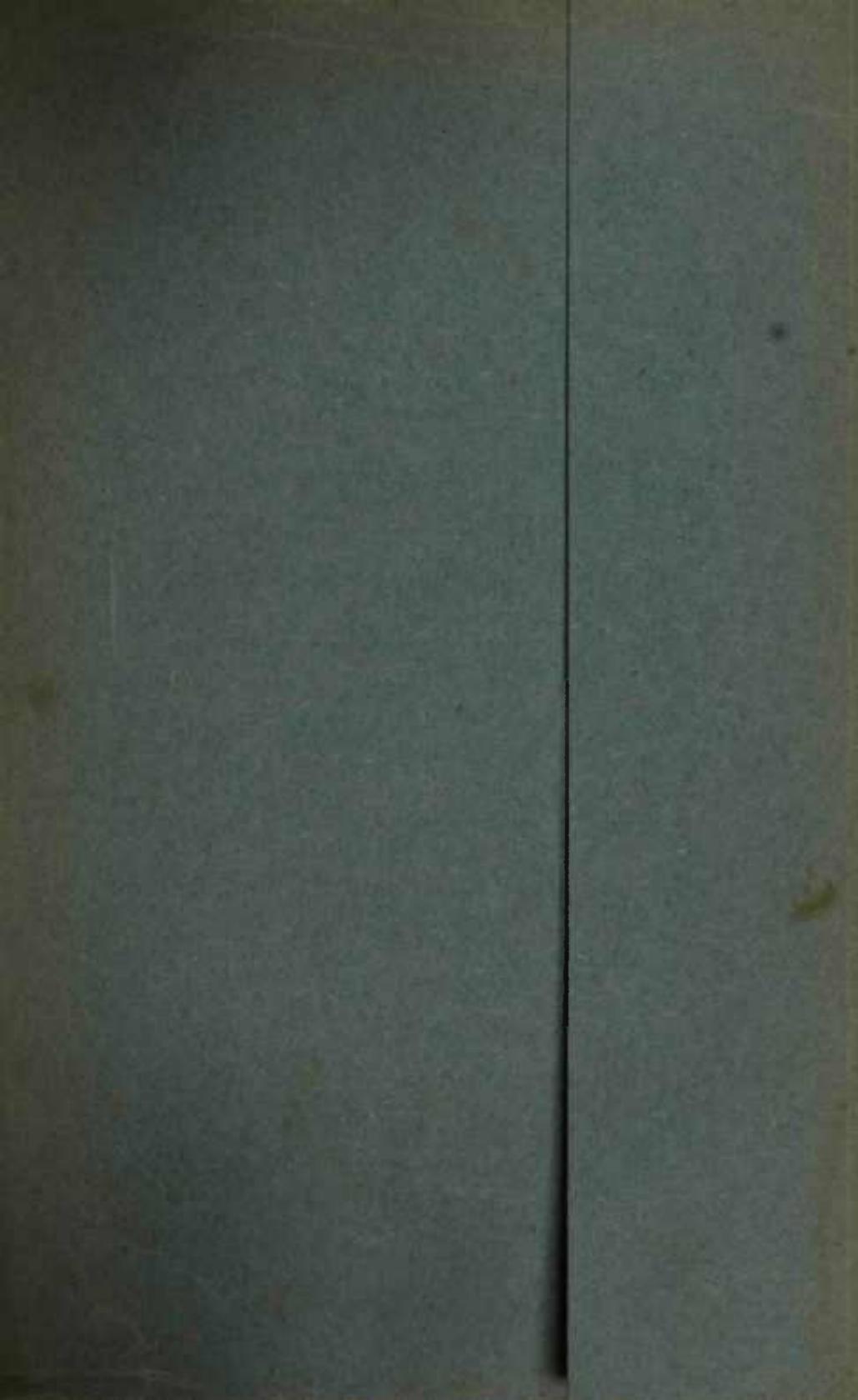
Senhor! Tu que creaste a humanidade

Diz-lhe que o sacrificio será a redenção do mundo  
E que os fracos hão de perecer na mão dos fortes.  
Dá-lhe a morte no campo de batalha  
Dá-lhe as grandes avançadas furiosas  
Dá-lhe a guerra Senhor!

## INDICE

	Pags.
Místico .. . . . .	11
O Terceiro Filho .. . . . .	15
O Unico Caminho .. . . . .	17
Introspecção .. . . . .	21
Inatingivel .. . . . .	23
Revolta .. . . . .	27
Ansia .. . . . .	29
Velha Historia .. . . . .	33
Purificação .. . . . .	37
Sacrificio .. . . . .	41
A Floresta .. . . . .	45
Tarde .. . . . .	51
Rua da Amargura .. . . . .	53
Vigilia .. . . . .	57
O Poeta .. . . . .	61
Mormaço .. . . . .	65

	Pags.
Romanza . . . . .	69
Suspensão . . . . .	75
Vasio . . . . .	77
Quietação . . . . .	81
Olhos Mortos . . . . .	85
A Ésposa . . . . .	87
A Que Ha de Vir . . . . .	89
Carne . . . . .	93
Desde Sempre . . . . .	95
A uma Mulher . . . . .	99
Vinte Anos . . . . .	101
Velhice . . . . .	105
Fim . . . . .	109
Extensão . . . . .	111
Minha Mãe . . . . .	113
Solidão . . . . .	117
Os Inconsolaveis . . . . .	117
Senhor, eu não sou Digno . . . . .	123
O Bom Pastor . . . . .	125
Sonoridade . . . . .	129
O Poeta na Madrugada . . . . .	133
Judeu-Errante . . . . .	137
O Vale do Paraizo . . . . .	139
A Grande Voz . . . . .	143



# LIVRARIA SCHMIDT

RUA SACHET, 27

Rio de Janeiro

Algumas edições:

O PAIZ DO CARNAVAL (2.<sup>a</sup> ed)

Jorge Amado.

A MULHER QUE FUGIU DE  
SODOMA (3.<sup>a</sup> ed.) José Geraldo  
Vieira.

CATHOLICISMO E PROTES-  
TANTISMO — P. Leonel Fran-  
ca, S. J.

AMORES DA VELHA GUARDA  
— Alcibiades Delamare.

CLUB DAS ESPOSAS ENGANA-  
DAS — Ribeiro Couto.  
NA REVOLUÇÃO DE 30 — Cel. E.  
Leitão de Carvalho.

VERSOS PARA MIM — Pedro  
Martins Pereira.

A VISÃO — Ovidio da Cunha.  
OS CORUMBAS — Amando Fontes  
A VERDADE CONTRA FREUD -  
Almir de Andrade.

---

Off. Graph. d' "O Livro Vermelho dos Telephones"

Rua Camerino, 89 — Rio de Janeiro